

Masculinidades e adolescência: Uma discussão sobre o ser homem

Emanuel Vieira de Assis

Técnico em Assuntos Educacionais. Mestre em Ensino de Humanidades. Instituto Federal do Paraná (IFPR), 84200-000, Jaguariaíva/PR, Brasil

E-mail do autor correspondente: emanuel.assis@ifpr.edu.br

Submetido em: 30 out. 2023. Aceito em: 26 dez. 2023

Resumo

Com a ampliação do debate sobre as desigualdades de gênero, a questão sobre o papel dos homens nesta discussão tem sido impulsionada. Para isto, surge o Grupo de Estudos em Masculinidades no Ifes, campus Vitória, com o objetivo geral de discutir os padrões de masculinidade construídos socialmente e seus efeitos nos comportamentos de homens e mulheres. A metodologia utilizada foi de encontros presenciais quinzenais no Ifes – *campus* Vitória com os membros do grupo de estudos em questão, no período de outubro a dezembro de 2019, com a discussão de textos previamente selecionados que abordam algumas questões relevantes relacionadas ao universo masculino e suas crises. Utilizou-se o método dialético para promover as discussões, assim como as perspectivas e experiências dos membros do grupo. Os resultados foram o conhecimento das narrativas, das impressões e dos discursos que os alunos trazem para a discussão, o reconhecimento das diversas manifestações do que é ser homem na cultura ocidental e os desdobramentos de tais construções, possibilitando, como conclusão, suscitar possíveis desenvolvimentos de outros debates relacionados ao tema.

Palavras-chave: Masculinidade, Projeto de ensino, Grupo de estudo.

Abstract

Masculinities and adolescence: A discussion about being a man

With the expansion of the debate on gender inequalities, the question about the role of men in this discussion is being raised. To this end, the Masculinities Study Group was created at Ifes, Vitória campus, with the general objective of discussing socially constructed masculinity standards and their effects on the behaviors of men and women. The methodology used was fortnightly face-to-face meetings at Ifes – Vitória campus with the members of the study group in question, from October to December of 2019, with the discussion of previously selected texts that address some relevant issues related to the male universe and its crises. The dialectical method was used to promote discussions, as well as the perspectives and experiences of group members. The results were the knowledge of the narratives, impressions and discourses that students bring to the discussion, the recognition of the different manifestations of what it means to be a man in Western culture and the consequences of such constructions, making it possible, as a conclusion, to raise possible developments of other debates related to the topic.

Keywords: Masculinities, Teaching Project, Study Group.

Introdução

Nas últimas décadas, os estudos de gênero e suas desigualdades têm crescido exponencialmente, compondo um campo com diversas perspectivas e abordagens. A maioria das pesquisas e discussões a respeito da temática é produzida por mulheres, articuladas ao movimento feminista, ao considerarem a multiplicidade de teorias, suas tensões e aproximações, “mostrando a dinamicidade e complexidade dessa área de estudo” (TEIXEIRA; LOPES; GOMES JUNIOR, 2019, p. 405). Apesar das diferenças entre os sexos ainda serem visíveis, algumas conquistas têm sido alcançadas. O chamado empoderamento feminino, como salienta Berth (2019), tem tomado força entre as mulheres de diferentes classes sociais, raças e faixas etárias, resultado de décadas de discussão e luta contra as desigualdades estabelecidas entre homens e mulheres. A web tem contribuído para que a mobilização por igualdade de gênero alcance cada vez mais pessoas, ampliando a discussão sobre os vários fatores que incidem sobre esta questão e as possibilidades de superação de tal forma de opressão.

No Brasil, a principal temática discutida envolvendo as questões de gênero se refere a violência contra a mulher. Isso se deve ao fato do país ter uma das taxas mais altas de violência doméstica e feminicídio do mundo. Somente nos anos de 2020 e 2021, um total de 2695 mulheres foram vítimas de feminicídio no Brasil, como aponta o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022. Diante deste contexto e em diversos meios e por diversas abordagens, muitas mulheres, seja no cotidiano, seja nas

redes sociais, seja nas pesquisas acadêmicas, seja nas mobilizações governamentais, têm reforçado uma luta cada vez maior contra toda essa violência que as acomete.

Mas ainda assim, os números de violência contra a mulher continuam crescendo, como a violência de perseguição (*stalking*), que aumentou de 173 casos em 2020 para 27.772 casos em 2021. E ainda de violência psicológica, que foi de 720 casos em 2020 para 9.390 em 2021, como indica dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022. Esta seria uma luta somente das mulheres? Os homens podem e devem ser responsáveis para reduzir ao máximo tal estatística e a cultura do sexismo? Não cabe aqui afirmar que os homens devem tomar o espaço de luta das mulheres. Ao longo da história, sempre foi relegado a elas o poder de fala, o poder público e as próprias escolhas. Não seria o momento de mais uma vez os homens se ocuparem de um lugar de luta que é delas, colocando-as em segundo plano. Apesar disto, os homens podem ter um papel na desconstrução das desigualdades de gênero, por meio do reconhecimento da suposta posição de superioridade em que foram colocados em sociedade e assim, resignificarem as relações de gênero estabelecidas culturalmente.

Material e Métodos

Diante desta necessidade, surge a ideia da formação de um grupo de estudos de masculinidades para os alunos do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), do Campus Vitória. Trata-se de uma ação complementar de ensino, promovida por mim, enquanto professor de sociologia da instituição. Fazem parte da

equipe executora e responsável pelo projeto e sob minha coordenação, o aluno do curso Técnico em Eletrotécnica Integrado ao Ensino Médio, Marcelo Rigo dos Santos e o aluno do curso Técnico em Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio, Mateus Lacerda Neto. Em conjunto, discutimos e planejamos as ações, temas e formato do projeto.

Optamos por encontros presenciais quinzenais, em que discutimos um texto previamente selecionado e que venha a abordar alguma temática sobre o universo masculino e suas problemáticas. Os encontros ocorreram entre os meses de outubro e dezembro de 2019, no mini auditório do Ifes - *campus* Vitória. Para a realização das atividades, propomos o método dialético, de forma a promover as discussões entre os membros do grupo de estudos, onde cada um possa apresentar suas perspectivas e experiências e assim trazendo fundamentos a partir do texto em debate. O objetivo geral do grupo de estudos era discutir os padrões de masculinidade construídos socialmente e seus efeitos nos comportamentos de homens e mulheres. Dessa forma, pretendemos construir um espaço em que cada um se sinta livre para expressar suas experiências e visões acerca da temática, enriquecendo o debate para além de questões teóricas, mas envolvendo também, as vivências relatadas e articuladas com os conceitos e teorias propostas pelos textos. Além disso, como objetivo específico, a proposta era refletir sobre possibilidades de masculinidades saudáveis e livres.

Resultados e Discussão

Os debates sobre as masculinidades

O primeiro encontro teve como base o texto "Masculinidade na História: A construção

cultural da diferença entre os sexos", de Sérgio Gomes da Silva (2000). Este artigo faz um breve recorte das representações de gênero ao longo da história ocidental e como a construção do ser homem levou ao que hoje se considera ser uma crise da masculinidade. Que homem é esse que foi sendo gerido? Qual a relação entre homens e mulheres? Ela sempre ocorreu da mesma forma? A partir destas questões iniciamos o debate em torno do texto.

O autor aponta que no mundo contemporâneo, debates têm indicado para uma crise da masculinidade. Diante desta ideia inicial, questionei aos alunos participantes do grupo de estudos se eles tinham a percepção desta crise. A maioria afirmou não ter pensado em tal proposição até então, mas sinalizaram que conseguiam enxergar alguns movimentos indicativos de que esta ideia modelada do homem ocidental, voltada para a força e para a dominação, tem a necessidade de ser repensada.

Para chegar a esta construção configurada do que é ser homem, Silva (2000) traça um breve caminho das transformações da masculinidade nos últimos séculos. Segundo ele, até o século XVIII, a concepção de sexualidade dominante era o monismo sexual, onde "a mulher era entendida como sendo um homem invertido" (SILVA, 2000, p. 9). Sendo assim, a representação perfeita da sexualidade encontrava-se no órgão masculino, por meio do falo e, conseqüentemente, o clitóris da mulher caracterizaria sua inferioridade diante do homem numa escala de desenvolvimento. Já na transição do século XVIII para o século XIX, "de homem invertido, a mulher passa a ser o inverso do homem, ou, a sua forma complementar" (SILVA, 2000, p. 9), o que reforça a ideia de subalternização e estabelece a criação de

alguns espaços somente para a mulher, como o âmbito privado, da família e do lar e de espaços destinados ao homem, como a esfera pública. Por sua vez, o século XIX, traz uma mudança da vertente biológica de diferença dos sexos para uma mudança com base na concepção política, econômica e social, pois

A partir da inferioridade 'social' e 'política' da 'fragilidade' do sexo dos 'invertidos sexuais' e da mulher, a feminilidade passará a atormentar o imaginário social do homem burguês. Algo precisava ser feito para que este estado de decadência não fosse tomada como norma social. A partir desse instante, dar-se-á o culto à masculinidade no século XIX (SILVA, 2000, p. 10)

Verifica-se assim, toda uma construção do ideal de homem, para que qualquer possível ameaça à masculinidade seja logo suprimida, o que fez com que historicamente a virilidade fosse estimulada como característica principal dos homens, dando início ao que Silva (2000) chama de culto à masculinidade.

Na segunda metade do século XX, com a transição de muitas mulheres do espaço privado para o espaço público e o crescimento dos estudos de gênero, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, um novo olhar sobre o que é ser homem foi colocado em discussão, o que culminou com a crise da masculinidade. Desperta-se o debate sobre o lugar e o papel do homem na sociedade.

A partir disto, as discussões entre os alunos, neste primeiro encontro, abordaram questões como: o que é ser homem? Existe um jeito certo de ser homem? Há algo que os homens não possam fazer? Alguns alunos apontaram que há uma exigência constante para que o homem seja sempre protagonista, seja em

qual espaço for, e isso traz uma cobrança muito grande sobre o papel que podem exercer socialmente, já que alguns afirmaram não ter a opção de errar, de estar numa posição não dominante e de demonstrar as próprias fragilidades. Isso gera uma expectativa muito grande para que homens estejam dentro de uma configuração específica de funções a serem desempenhadas, impedindo a liberdade em exercer comportamentos considerados não-masculinos.

Além disso, a exigência em ser racional a maior parte do tempo é algo que gera desgaste, já que é característica do ser humano não se direcionar somente pela racionalidade, mas também por outros campos, como o emocional. Um outro elemento levantado pelos alunos foi a necessidade de segurança que é exigida dos homens, como se todos precisassem se sentir seguros e gerar segurança aos outros. Alguns alunos afirmaram que isso traz uma cobrança muito grande, pois os impossibilita de apresentar seus medos, fraquezas e dúvidas. Por conta disso, relataram ter dificuldade em demonstrar emoções e, até mesmo, em utilizar o recurso do choro como forma de expressão.

O segundo encontro teve como referência o texto "Cenas explícitas da crise masculina", de João Silvério Trevisan (1998). Esta discussão foi mais despojada, cada aluno ficou livre para inserir as impressões particulares do texto e expor vivências relacionadas aos exemplos e casos descritos pelo autor. Ao descrever um caso de um homem muito agressivo nas relações interpessoais, Trevisan (1998) destaca que se exige do homem a "obrigação de ter coragem sempre, mostrar-se durão, enfrentar o mundo através da força [...]" (TREVISAN, 1998, p. 14). Este trecho levantou a questão de quais as ferramentas utilizadas para enfrentar o

mundo sendo homem? Diferentes meios foram apontados, como a arte, o diálogo e o conhecimento.

Outra questão também foi objeto de debate: “seria a violência algo inerente ao sexo masculino?” (TREVISAN, 1998, p. 18). A discussão girou em torno da ideia de uma constante naturalização dos comportamentos masculinos, mas que na verdade são construídos por meio de uma estrutura social, que direciona a masculinidade para tal lógica.

Trevisan, ao final do texto, aponta ainda que “os machos humanos não gostam de se examinar” (TREVISAN, 1998, p. 26). Em meio às suas experiências em família, os integrantes do grupo de estudo reforçaram que se trata de um aspecto comum entre eles. Isto porque, homens e mulheres são ensinados desde cedo a se comportarem dentro de critérios que os moldam. Comportamentos como vaidade, delicadeza, fragilidade e cuidado são recorrentemente atribuídos às mulheres e comportamentos como ser forte, destemido, corajoso e no controle são mais relacionados aos homens. Toda essa marca construída para que homens se comportem dentro de uma determinada estrutura cultural faz com que muitos sejam negligentes em relação à sua própria saúde. No contexto do autocuidado, os alunos relataram ser comum que seus parentes homens mascarem dores por medo de transmitir uma imagem de fragilidade e, assim, perderem seu status de virilidade.

Ao final do segundo encontro, os próprios alunos sugeriram o tema da reunião seguinte: a pornografia. Para isto, foi selecionado o texto “Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres”, de Lylla Cysne Frota D’Abreu (2013). Como em outras esferas sociais, a pornografia reflete fortemente

a desigualdade de gênero, visto que “a atividade sexual é sempre unilateral: a mulher é usada para satisfazer os desejos do homem, o clímax das cenas é a ejaculação masculina e a gratificação sexual feminina é ignorada” (D’ABREU, 2013, p. 593).

Além disso, outros fatores indicam essa disparidade, mesmo que de modo sutil, como profissão, idade, vestimenta. Outro elemento indicado e objeto de discussão entre os participantes do grupo foi a infantilização do corpo feminino nestes espaços, muitas vezes marcada pela roupa, olhares considerados inocentes e submissão ao poder masculino. Os alunos afirmaram que conseguem observar claramente como isso se desdobra em vários outros âmbitos sociais, tal qual os próprios modos de relações afetivas que cada um constrói.

A discussão trouxe possíveis associações entre os roteiros dos filmes pornográficos e a construção de ideias de relações afetivas e sexuais dos homens, aludindo a uma formação de lógicas que reforçam a submissão da mulher à força masculina e produzem uma “banalização do uso da violência nas relações interpessoais” (D’ABREU, 2013, p. 593). Verifica-se, assim, a pornografia operando como agente da construção de comportamentos sexuais. Como a maioria do público consumidor é masculino, ele acaba sendo o principal receptor de padrões pré-determinados destas mídias, gerando uma espécie de educação sexual para os homens.

O último encontro seguiu com a temática masculinidades e negritude. Ao falar do mundo masculino e suas relações, aborda-se tal tema no plural, masculinidades, devido às várias formas de compor o homem na cultura ocidental. O movimento feminista, em suas diversas vertentes, discute a centralidade do homem

como figura de poder e dominação. Mas que homem? Os homens negros também contribuem para a construção do patriarcado? Qual a representação dos homens negros para os homens brancos? E para as mulheres negras?

Em linhas gerais, o homem branco geralmente é visto como um ser intelectualizado, enquanto o homem negro é caracterizado como uma potencial figura sexual (FANON, 2008, p. 33). Quando questionados sobre as diferenças de formas de tratamento recebidas socialmente, os alunos brancos afirmaram nunca ter percebido qualquer forma de olhar externo dirigido a si, como se o próprio corpo tivesse predominantemente a função de satisfação sexual. O único aluno negro corroborou o mesmo, mas salientou que por ser adolescente, esse tipo de ofensiva não é tão comum.

O texto discutido neste último encontro foi o artigo "Entre garotos negros: reflexões sobre gênero, masculinidades, raça e vivências", de Paulo Melgaço da Silva Junior (2017). Além das questões relacionadas à negritude, o autor discute o espaço da escola como produtor de identidade, sendo que "é relevante destacar que a escola constitui um local privilegiado para que meninos e meninas aprendam as possibilidades de ser masculinos e femininos" (SILVA JUNIOR, 2017, s.p.).

Em relação ao Ifes, campus Vitória, como os alunos percebem tal construção? Visto que historicamente esta instituição esteve predominantemente voltada para o público masculino, branco e classe média, por meio da oferta dos cursos técnico subsequente e técnico integrado. Alguns alunos relataram que ainda percebem alguns resquícios de sexismo e racismo em falas e práticas de alguns professores e técnicos administrativos, como a

expressão de surpresa quando algum aluno negro conquista prêmios ou notoriedade por projetos desenvolvidos. Outros ainda mencionaram uma certa exigência por parte da instituição de força masculina para desenvolver algumas práticas em laboratório, a exemplo de aulas do curso de Edificações e de Eletrotécnica, como se tais atividades fossem bem executadas somente pelo público masculino.

Nesse sentido, é importante observar que os mais diversos espaços da vida social contribuem de alguma forma para a construção das masculinidades, seja a escola, seja a família, seja a religião, seja o Estado, produzindo e reproduzindo identidades e corpos demarcados por gênero e raça.

Como avaliação final, os alunos produziram uma breve análise da própria participação, da metodologia do grupo, do tempo e de outras questões consideradas por cada um como relevantes, entre pontos positivos e negativos. De acordo com o aluno M:

Na minha visão o projeto foi bem interessante visto que podíamos expor nossas ideias e compreender novos pontos de vista. Eu, por exemplo, descobri novas formas de ver a questão da pressão social sobre a personalidade masculina, e também as dificuldades das mulheres no dia a dia e querendo ou não isso nos leva a começar a refletir mais sobre questões rotineiras que às vezes não damos tanta atenção.

O reconhecimento de privilégios e de comportamentos culturais naturalizados no cotidiano, como afirma o aluno na avaliação acima, é um importante movimento na desconstrução de uma lógica patriarcal que afeta a todos, pois ao assimilar essa concepção sexista, o homem também cria uma violência

contra si, oprimindo-se e se condicionando ao papel de opressor (HOOKS, 2000, p. 76). Não se trata aqui de situar homens e mulheres na mesma condição de oprimidos, pois elas são colocadas nesta situação pelos homens, como afirma Bell Hooks (2000). Mas ainda assim, esta desigualdade e opressão limita grande parte da liberdade dos homens e os violenta de certa forma.

O aluno P, outro participante do grupo, avaliou que

Apesar de não ser nenhuma novidade o problema do machismo na nossa sociedade, os debates de homens acerca do tema e da masculinidade de modo geral são.

Foi muito interessante ler os textos propostos, discutir certos comportamentos normalizados na sociedade, compartilhar experiências vividas com os outros integrantes do grupo, pensar em como o machismo enraizado em nós influencia não só as mulheres como também os homens (com as devidas proporções), entre outras discussões, sempre com respeito e, com isso tudo, repensar meus próprios comportamentos. Acredito que a troca de ideias contribui muito para o engrandecimento pessoal e a quebra de comportamentos preconceituosos, por isso ambientes como o proporcionado pelo debate de masculinidades são tão importantes.

Essa avaliação vai ao encontro do objetivo geral do grupo de estudos, que está relacionado a uma desconstrução das ideias pautadas pelo patriarcado e seus efeitos tanto em homens quanto em mulheres.

Considerações Finais

Discutir questões relacionadas às masculinidades em uma instituição de ensino

historicamente considerada masculina é importante para pensar de que forma a ordem patriarcal repercute na construção de comportamentos e ideias de homens de um modo geral e principalmente entre os alunos da escola. Conhecer as narrativas, as impressões e os discursos que estes trazem contribuem para o debate e o reconhecimento das diversas manifestações do que é ser homem na cultura ocidental e os desdobramentos de tais construções.

Apesar de ser um debate inicial e inédito dentro desta instituição e de ter sido provocado dentro de um contexto muito específico e com um número limitado de participantes, foi um ponto de partida significativo para iniciar e ampliar a discussão neste território e assim suscitar a possibilidade do desenvolvimento de outros debates e temas relacionados, bem como, a reinvenção de discursos e de um outro olhar sobre as masculinidades.

Com isso, este relato traz um convite aos demais atores da comunidade escolar e de outros espaços a desenvolver ou estender esse debate, mesmo que de forma embrionária.

Referências

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Editora Pólen, 2019.

BRASIL. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: < <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/analise-2022.pdf?v=4> >. Acesso em: 20 de novembro de 2023.

D'ABREU, L. C. F. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 592-601, set. 2013.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

HOOKS, B. **Feminist theory: from margin to center**. 2 ed. London: Pluto Press, 2000.

de Assis, E. V.

SILVA JUNIOR, P. M. Entre garotos negros: reflexões sobre gênero, masculinidades, raça e vivências. In: V ENLAÇANDO, 2017, Salvador. **Anais eletrônicos**. Campina Grande: Realize, 2017., s.p. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30558>>. Acesso em: 27 de outubro de 2023.

SILVA, S. G. Masculinidade na História: A Construção Cultural da Diferença entre os Sexos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 20, n. 3, p. 8-15, set, 2000.

TEIXEIRA, M. B. M.; LOPES, F. T.; GOMES JÚNIOR, A.B. Gênero e Feminismos: conceitos e perspectivas. **Caderno Espaço Feminino**, v. 32, n. 1, p. 405-430, 2019.

TREVISAN, J. S. **Seis balas num buraco só: a crise do masculino**. Rio de Janeiro: Record, 1998.